



A BIOGRAFIA INACABADA, DE ALEXEI FIODÓROVITCH KARAMÁZOV*

Maria Eduarda de Freitas Leitão**

O aclamado escritor russo Fiódor Dostoiévski, nascido em 1821 em Moscou, fez parte da Idade de Ouro da literatura russa. Escreveu diversas obras ao longo de sua carreira; nenhuma, entretanto, supera seu último romance: *Irmãos Karamázov*. Sendo considerado por Freud “o romance mais grandioso já escrito”¹ (Freud, 1997, p. 234), influenciou diversos pensadores subsequentes, como Nietzsche e Camus, devido à profundidade dos assuntos abordados, dentre eles, a análise da alma humana. Além disso, um ponto central na narrativa são temas correlatos ao direito, principalmente no que tange à ética e à aplicação das leis na Rússia oitocentista.

No prefácio, o autor nos antecipa que a biografia de seu herói Alexei Fiódorovitch Karamázov será dividida em duas partes: uma narrativa e dois romances. A segunda obra, porém, não chegou a ser escrita antes do falecimento de Dostoiévski. Assim, resta-nos apreciar a primeira parte da biografia em sua magnificência

A narrativa apresenta vários personagens, porém é centrada na família Karamázov: Fiódor Pávlovitch, o pai lascivo, e seus três filhos – Dimitri, o primogênito boêmio; Ivan, o intelectual; e Alexei (mais conhecido como Aliócha), o caçula místico. Há, ainda, Pável Smierdiakóv, o bastardo arrogante criado como serviçal.

Fiódor Pávlovitch, apesar de compartilhar de seu sangue com os filhos, nunca foi propriamente um pai, poderia-se afirmar. A ideia de um pai está atrelada ao sangue de quem deu a vida, sangue de quem amou, sangue da própria vida de quem não a poupou pelo filho, de quem desde sua infância adoeceu de suas

¹ Tradução livre de *The Brothers Karamazov is the most magnificent novel ever written*.

***Justificativa:** O presente trabalho trata da obra *Os Irmãos Karamázov*, o último livro do aclamado escritor russo Fiódor Dostoiévski, cujos impactos ressoam em diversos autores posteriores, devido à extrema profundidade da análise do autor sobre o ser humano. Na seguinte resenha, tratamos, também, da intersecção da narrativa com questionamentos acerca dos Direitos Penal e Processual Penal Russo, mais especificamente, à inserção do tribunal de júri na Rússia de 1864, além de questões morais e éticas, muito presentes no livro.

**Graduanda do Curso de Graduação em Direito na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e participante do Grupo de Estudos em Direito e Literatura (LITERAR). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3898608421899531>. E-mail: duda05freitasl@gmail.com.



doenças, de quem sofreu a vida inteira para o fazer feliz e só viveu de suas alegrias, de seus êxitos²⁴. Tal figura não poderia estar mais distante do personagem em questão.

Casou-se duas vezes, nenhuma por amor. A primeira esposa, proveniente de uma família rica da região, deu à luz ao primogênito e fugiu de seu marido. Já o casamento com a segunda esposa durou oito anos, apesar de Fiódor Pávlovitch ignorar a mais elementar decência conjugal. Devido a recorrentes ataques de “histeria”, ela faleceu. Por sua condição, o marido a chamava de klikucha, mulher doente dos nervos. Quanto aos filhos, “foram totalmente esquecidos e abandonados pelo pai” (Dostoiévski, 2012, p. 26) e acabaram na companhia do serviçal Gregori e, posteriormente, cresceram de mão em mão de parentes distantes.

Os irmãos, não sendo provenientes da mesma família materna, não cresceram todos juntos. Dimitri conheceu Ivan e Aliócha apenas depois de maduros. O primogênito cunhou uma relação turbulenta com o pai, a qual não foi acompanhada pelos outros filhos. A mãe de Dimitri pertencia a uma família abastada, assim, esta deixou uma herança considerável, a qual o filho requisiou. Julgando haver sido enganado nesse quesito por Fiódor, Dimitri começou a nutrir uma inimizade com o pai. Já a mãe de Ivan e Aliócha, a klikucha, não deixara nada além de poucas lembranças antes de seu falecimento. Desse modo, quando Ivan chegou à casa do pai, os dois se deram bem, “o rapaz chegava a exercer uma visível influência sobre o velho” (Dostoiévski, 2012, p. 31). No que tange a Aliócha, este traspassara o coração do pai pelo fato de que “vivia, tudo via e nada condenava” (Dostoiévski, 2012, p. 143).

Para além da questão financeira na qual se entremearam pai e primogênito, ambos se apaixonaram pela mesma mulher: Grúchenka. Ela, entretanto, divertiu-se às custas dos dois. Dimitri era um homem ciumento, noivo de outra, Cátia, uma mulher inteligente de classe alta, com a qual possuía um passado. O irmão Ivan, para complicar tudo, apaixonou-se por ela. Seria o amor de Cátia verdadeiramente amor ou uma vontade de trazer Mítia³ para o caminho correto, uma obstinação da qual recusa-se a fugir? Apenas o autor saberia responder tal questão espinhosa.

Já nos é apresentado no início do livro que o patriarca controverso dessa família terá uma morte trágica. Dimitri é tido como o principal suspeito, tudo parece apontar para ele: os conflitos com o pai, declarações repetidas de que

² Citação adaptada de trecho do discurso de Fietiukóvitch (Dostoiévski, 2012, p. 954).

³ Diminutivo de Dimitri.



gostaria de matar o velho, a presença dele na casa do pai na noite da morte e o sangue em suas mãos (que era, na verdade, do criado Grigori, não do pai). Entretanto, não é o assassino. Smierkdiakóv, o bastardo, aproveitou-se da situação favorável a que não fosse considerado suspeito e efetivou a morte de Fiódor Pávlovitch.

Pável Smierkdiakóv era um sujeito calado, “terrivelmente insociável”, mas não por acanhamento, e sim por desprezar a todos. É descrito com um quê de psicopatia, se poderia dizer: um sujeito calculista e frio. “Na infância, gostava muito de enforcar gatos e depois enterrá-los com cerimônia” (Dostoiévski, 2012, p. 183). Há um aspecto desse irmão que dialoga com a biografia de Dostoiévski, ambos sofriam de crises de epilepsia. É justamente dessa condição que o bastardo se aproveita para cometer o crime.

A culpa pelo parricídio, entretanto, permeia todos os irmãos. Dimitri sendo legalmente declarado culpado pelo tribunal do júri; Ivan se sentindo culpado de haver incitado Smierkdiakov a matar o pai (uma culpa muito infligida pelo próprio assassino); Aliócha por ter se esquecido de conversar com Dimitri na véspera do assassinato devido à morte do monge Zossima, uma figura de extrema importância para Aliócha.

Apesar de Dostoiévski não ter formação especificamente jurídica, ele se interessava pelo sistema de aplicação das leis, mas não apenas. O autor foi condenado à pena de morte, por ativismo político durante o reinado de Nicolau I, pena posteriormente convertida para oito anos de trabalhos forçados. Assim sendo, as reflexões acerca do crime e sua repressão são importantes nas suas obras (Prado e De Laurentiis, 2022) também por esse elemento autobiográfico.

No trecho do julgamento de Dimitri há uma ferrenha crítica à reforma judicial russa de 1864, o que foi um contrassenso. Anteriormente à reforma, o processo penal ocorria predominantemente de modo escrito. Entretanto, a população, em sua maioria, inclusive, os advogados, eram analfabetos. Além disso, presumia-se a culpa do réu e a admissão de culpa era considerada prova cabal. Desse modo, estava em vigor um sistema inquisitorial no judiciário russo do século XIX (Prado e De Laurentiis, 2022), perpetuando-se um cenário de escancaradas injustiças.

O processo inquisitório de justiça criminal introduz-se, historicamente, entre os séculos XIII e XIV a partir de uma publicização da justiça. Anteriormente, a partir de origens germânicas, se radicou no costume um meio ordinário de justiça, o qual repousava “sobre a convicção de que os crimes que atingem as pessoas – na vida, na incolumidade, nos bens, na honra – são assuntos privados” (Sbriccoli, 2011, p. 459). Com a descoberta por parte dos governos citadinos de que a justiça criminal é um meio de governo, esse instrumento não é mais relegado às vítimas. Introduz-



se, desse modo, o princípio segundo o qual aquele que comete um delito não lesa apenas à vítima, mas também à república e, portanto, esta tem o direito de infligir uma pena e obter satisfação (Sbriccoli, 2011). Para concretizar tal princípio, outorgaram-se “afiados instrumentos”,

[...] vigorosos meios de interrogatório (incluindo o uso da tortura) e poderes “arbitrários” (isto é, conderidos com a concessão de um arbitrium, entendido como um poder vasto mas regulado) no que tange as acusações a mover, ao modo de proceder, à coleta das provas e à pena aplicável (Sbriccoli, 2011, p. 462).

Introduz-se, desse modo, um processo inquisitório, o qual conotou a própria ideia de justiça por um longuíssimo tempo e, como pelo exemplo do livro, chega até a atualidade, por vezes, transfigurado. A realidade brasileira, infelizmente, também não está muito distante, principalmente ao levar-se em conta a Operação Lava-Jato, que se valeu do instrumento da delação premiada, reproduzindo judicialmente as práticas da inquisição (De Lima e Mouzinho, 2016).

Nesse âmbito, na Rússia de 1864, a reforma veio para instituir um sistema processual adversarial, cuja disputa entre duas partes frente a um órgão jurisdicional relativamente passivo (Didier Jr., 2011) garante um processo mais justo, além da admissão de defesa oral, do tribunal do júri, dentre outras importantes medidas para assegurar um processo eficiente. Em um primeiro momento, houve uníssono de elogios dos literatos, incluindo Dostoiévski. Houve uma mudança, porém, em sua opinião.

A descrição do julgamento de Dimitri se assemelha a de um espetáculo. O caso ganhara notoriedade por toda a Rússia, os “convites” esgotaram rapidamente, lugares foram reservados a figuras ilustres, havia as senhoras, às quais torciam pela absolvição de Dimitri, não por acreditarem ser ele inocente, mas pela reputação do réu como amado entre as mulheres.

O julgamento possui alguns momentos distintos: primeiramente, as testemunhas de defesa e acusação são chamadas; depois, há os discursos de acusação pelo promotor Hippolit Kirílovitch e de defesa pelo famoso advogado Fietiukóvitch; por fim, o júri declara sua decisão.

Antes dos discursos do promotor e do advogado, então, as testemunhas foram chamadas e, no que tange à defesa, a estratégia utilizada foi a de manchar a reputação moral das testemunhas da acusação para, assim, comprometer seus depoimentos. Tal relação entre a validade do testemunho e o caráter moral do indivíduo é cristalina no direito islâmico, conforme apresentado pelo antropólogo Clifford Geertz, o *haqq*: o que é “real”, “verdadeiro”, “genuíno”, “autêntico”. A instituição de testemunhas acreditadas, indivíduos (predominantemente homens) de reputação ilibada atestada



após um processo de avaliação e certificação formal, originou-se dessa certa “obsessão com a confiabilidade moral do depoimento oral” (Geertz, 1997, p. 287) e, além disso, havia um grupo de testemunhas secundárias, as quais deveriam confirmar a probidade das primárias. É perceptível, portanto, essa preocupação com a moral dos indivíduos a testemunhar, também no contexto do livro. A estratégia do advogado visa a descredibilização das falas de indivíduos considerados imorais por parte do júri. Portanto, nesse elemento exposto pelo autor, há, mais uma vez, a apresentação do julgamento enquanto um teatro para o público e, principalmente, para o júri.

Um fato notável é que os discursos tanto da acusação quanto da defesa visavam a motivos egoístas: “mais do que um julgamento, o caso se converte, assim, em um palco de disputa e de afirmação de egos e personalidades” (Prado e De Laurentiis, 2022, p. 10).

O promotor Hippolit Kirílovitch, frente a um sentimento de subestimação, vê aquele momento como sua *chef-d’oeuvre*⁴, seu “canto do cisne” (Dostoiévski, 2012, p. 896). Dessa maneira, falas pouco pertinentes ao caso, como o clamar pela moralidade, aparecem ao longo do discurso. “Nosso horror está justamente no fato de que esses casos sombrios quase já não nos horrorizam mais! Porquanto o que deve nos horrorizar é o nosso hábito e não um delito isolado desse ou daquele indivíduo” (Dostoiévski, 2012, p. 897). Além disso, o promotor constrói uma imagem arbitrária de Mítia, utilizando-se de recursos psicológicos em detrimento do viés jurídico. Já os comentários dos espectadores acerca do discurso focaram nos pontos positivos ou negativos da fala, sem haver “qualquer preocupação com o aspecto jurídico do caso ou dos atos imputados a Dimitri” (Prado e De Laurentiis, 2022, p. 12).

Já o renomado advogado de defesa, Fietiukóvitch, aceita defender Dimitri devido à notoriedade do caso, por uma questão de fama. Começa seu discurso de forma direta, simples e convincente, sem nenhuma arrogância (Dostoiévski, 2012). Visando a refutar a acusação, critica a abordagem psicológica, ao utilizar-se igualmente desse recurso para criar uma narrativa a ser contraposta à já apresentada. Prosseguindo em sua defesa, o advogado desconstrói todos os argumentos do acusador, desconstruindo indícios da culpa de Dimitri, para depois argumentar que sequer houve roubo, tampouco assassinato (Prado e De Laurentiis, 2022). “Refuto com indignação a acusação de roubo: não se pode acusar de roubo sem que se possa indicar com exatidão o que precisamente foi roubado, isto é um axioma!” (Dostoiévski, 2012, p. 946). Não é possível provar que havia realmente dinheiro no envelope rasgado endereçado a Grúchenka⁵.

⁴ *Obra-prima*, em francês.

⁵ Se pensarmos no Direito Penal vigente no Brasil, se não havia dinheiro no envelope, o objeto era absolutamente



Ademais, é apresentado o argumento totalmente paradoxal de que, ainda que Mítia tenha cometido o crime a ele imputado, não seria parricídio. Nesse trecho, o conceito de pai é posto à prova: “O que é um pai, um de verdade, que palavra tão grandiosa, que ideia tão formidável há nesse nome?!” (Dostoiévski, 2012, p. 954). O conceito, como é exposto pela defesa, não se aproxima da figura de Fiódor Pávlovitch Karamázov. Não seria, portanto, um parricídio, se fosse um assassinato. Por fim, o advogado pede aos jurados, mesmo que houvesse sido assassinato, que eles dessem ao Dimitri a clemência que nunca lhe foi dada. Os mujiques, composição majoritária do júri, entretanto, se mantiveram firmes e declararam Dimitri culpado.

É importante ressaltar, ainda, que a própria composição do júri é contestada: “Será que um caso tão delicado, complexo e de cunho psicológico pode ficar à mercê da decisão fatal de certos funcionários e, enfim, mujiques?” (Dostoiévski, 2012, p. 854), perguntavam-se as senhoras. No entanto, o tribunal do júri moderno origina-se na Magna Carta da Inglaterra em 1215 com o seguinte preceito: “Ninguém poderá ser detido, preso ou despojado de seus bens, costumes ou liberdades, senão em virtude de julgamento de seus pares segundo as leis do país” (Nucci, 2007 *apud* Cavalcanti, 2012). Assim, e também posteriormente, essa instituição se espraia com um ideal de liberdade e democracia em oposição ao julgamento pelo Estado, por meio de um juiz monocrático. Há, entretanto, controvérsias no assunto, como apresentado pelo questionamento dos espectadores do julgamento. A figura do juiz é revestida de ares de superioridade e imparcialidade: um terceiro passivo que julgará apenas com base nos fatos apresentados. Porém, preconceitos, opiniões e vivências afetam o julgamento, não apenas no tribunal do júri. A imparcialidade absoluta, portanto, é um mito.

Na obra de Dostoiévski, ademais, para além dos elementos atinentes ao Direito, há uma ferrenha discussão sobre moral e ética. O personagem de Ivan Karamázov serve também a esse propósito. O irmão intelectual diz a célebre frase: “Se Deus não existe, tudo é permitido”, ou também, se não há crença na imortalidade, não há virtude. Entretanto, é perceptível, a partir de um diálogo com os monges, como essa ideia ainda não está resolvida em seu coração e o martiriza. Posteriormente, quando se sente culpado por possivelmente haver incitado Smierkdiakóv a cometer o parricídio, Ivan entra em desvario. Começa a vislumbrar um ser em seu quarto, o próprio diabo, e dele escuta opiniões que Ivan não tinha coragem de dizer para si: sua profunda culpa. Segundo a lógica apresentada por Ivan, se ele verdadeiramente não acreditasse em Deus, não haveria nada de errado em incitar possivelmente o irmão ao crime. Não é, porém, o que ocorre. O escritor, sendo um cristão, põe no personagem o embate entre

impróprio, e, portanto, seria crime impossível (Dos Santos, 2014, p. 388–190).



Deus e o homem, entre o imortal e o mortal, entre a existência ou ausência da virtude; e, nesse conflito, Ivan perde a sanidade. Diversos autores da filosofia contemporânea abordam esse personagem, como o Albert Camus em seu livro “O Homem Revoltado”.

Por fim, apesar de a biografia de Alexei Karamázov não ter uma continuação escrita, rumores nos círculos literários e outras fontes apontam para uma direção comum para o livro que, possivelmente, se chamaria *As crianças*⁶

Um crítico literário de pseudônimo Z escreveu o seguinte: “[...] por meio de alguns rumores sobre os próximos conteúdos do romance, rumores correntes nos círculos literários peteburguenses, eu posso apenas dizer que Aleksei [Karamazov] com o tempo se torna professor da cidade, e influenciado por algum tipo de processo psicológico especial em curso na sua alma, ele chega à ideia de assassinar o tsar” (Z, 1880 *apud* Rice, 2008, *tradução livre*)⁷. Tal destino do protagonista no segundo romance, confirmado por outras fontes, pode parecer sem conexão lógica com o Aliócha da primeira parte, como achou Z. Quando, porém, analisamos cautelosamente, percebemos trechos que sustentam essa possível continuação.

Inicialmente, segundo a opinião do narrador (cuja identidade permanece um mistério do início ao fim da narrativa), nada havia de místico em Aliócha; ele “era simplesmente imbuído de um precoce amor ao ser humano” e se lançou ao mosteiro apenas por esse lhe oferecer “o ideal para a saída de sua alma, que tentava arrancar-se das trevas da maldade mundana para a luz do amor” (Dostoiévski, 2012, p. 32). Essa figura é, portanto, agradável, amena. Possui o dom de infundir amor por si nos outros. No entanto, conforme a narrativa se desenrola, é possível perceber que, também nesse personagem fascinante e amável, há traços karamazovianos.

Após a morte do stárietz Zossima, amigo e guia espiritual de Aliócha, de seu cadáver emanou um odor deletério. Havia uma crença na Igreja Ortodoxa de que aquele que fosse verdadeiramente justo, não cheiraria mal após a morte. Assim, a figura que Aliócha tanto respeitava, foi maldita por muitos que o desacreditaram por completo. Diante disso, Aliócha experimentou um momento de terrível angústia: “Onde estão a Providência e seu dedo? Por que ela recolheu seu dedo no ‘momento mais necessário’ (pensava Aliócha), como se ela mesma quisesse sujeitar-se às leis naturais, cegas, mudas e impiedosas?” (Dostoiévski, 2012, p. 459). Nesse contexto, Aliócha aceita comer comidas proibidas e ir à casa de Grúchenka (dando a entender que para cometer peca-

⁶ Tradução livre do inglês *The Children*.

⁷ “[...] from a few rumors about the further contents of the novel, rumors, current in Petersburg literary circles, I can say only that Aleksei [Karamazov] in time becomes the village schoolmaster, and influenced by some sort of special psychological processes at work in his soul, he actually arrives at the idea of assassinating the tsar”.



dos da carne). Ao chegar lá, a figura de Grucha⁸, porém, faz com que o caçula volte a si.

Essa janela comportamental do protagonista, na qual questionamentos de seu irmão Ivan adentram em sua alma, demonstram esse aspecto karamazoviano também em Aliócha.

Assim, esse é um livro extremamente envolvente que trata de vastos temas: religião, moral, direito, psicologia... E, ainda abre espaço para especulações acerca do futuro das personagens, que foi idealizado, mas não colocado em prática pelo escritor. Além disso, percebe-se que há um profundo impacto das experiências vividas por Dostoiévski nos delineares dessa trama que, infelizmente, acabou por ser seu último romance. Desde as crises epilépticas de Smierkdiákov, à culpa de Ivan pela morte do pai (compartilhada pelo autor cujo pai foi assassinado pelos seus camponeses), à pena a trabalhos forçados de Dimitri, à suposta pena de morte ao futuro Aliócha revolucionário. Pode-se, ainda, refletir acerca da evolução do sistema de justiça penal, seus fundamentos e meios pelos quais é efetivado: tanto naquela época, quanto na atualidade. Portanto, é uma leitura enriquecedora e, de fato, um dos maiores romances da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Editora Best Seller, 2017.

CAVALCANTI, Fabrício José. *O julgamento de Dimitri Karamázov sob a ótica do direito comparado*. In: Dostoiévski e filosofia do direito o Discurso jurídico dos Irmãos Karamazov. 2012. p. 185–206.

DE LIMA, Roberto Kant; MOUZINHO, Glauca Maria Pontes. Produção e reprodução da tradição inquisitorial no Brasil: entre delações e confissões premiadas. *Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 9, n. 3, p. 505–529, 2016.

DIDIER JR, Fredie. *Os três modelos de direito processual: inquisitivo, dispositivo e cooperativo*, Direitos, deveres e garantias fundamentais. Salvador: JusPodivm, 2011.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamázov*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

FREUD, Sigmund. *Writings on Art and Literature*. Stanford University Press, 1997.

GEERTZ, Clifford. *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 1997.

PRADO, Danilo Luchetta; DE LAURENTIIS, Lucas Catib. Fiódor Dostoiévski e o tribunal do júri:

⁸ Diminutivo de Grúchenka.



análise da obra “Os irmãos Karamázov”. *ANAMORPHOSIS-Revista Internacional de Direito e Literatura*, v. 8, n. 2, p. e912-e912, 2022.

RICE, James L. *Dostoevsky's Endgame: The Projected Sequel To the Brothers Karamazov*. In: *Russian History*, v. 33, n. 1, p. 45–62, 2006.

SBRICCOLI, Mario. *Justiça criminal*. In: *Discursos Sediciosos*, Rio de Janeiro, n. 17/18, 2011.